

Sonhar e elaborar: grupo de sonhos como dispositivo de cuidado com adolescentes vítimas de abuso sexual

Natalia Camargo Angel¹

Jaquelina Maria Imbrizi²

Resumo

A violência sexual consiste em um fenômeno social composto por múltiplos elementos, envolvendo aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, que se manifestam nas relações de classe, gênero e raça/etnia. No caso de crianças e adolescentes, é reforçada pela invisibilidade legitimada e pela condição de propriedade a eles imposta, sendo produzida por relações de poder. O objetivo deste artigo é apresentar um dispositivo de cuidado a adolescentes vítimas de abuso sexual que consiste em um grupo terapêutico que tem a narrativa onírica como mediadora. Trata-se da apresentação de resultados parciais de pesquisa de doutorado, realizada em um serviço de saúde que oferece atendimento a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Partindo de uma perspectiva psicanalítica, a pesquisa se propôs a investigar aspectos do sofrimento sociopolítico que envolvem as dinâmicas das relações familiares, utilizando a narrativa onírica como recurso de acesso ao inconsciente. A produção de dados envolveu pesquisa bibliográfica, entrevistas individuais, o registro de sonhos pelas participantes por dois meses e, por fim, a realização de quatro encontros do grupo, que consistiu ao mesmo tempo em instrumento de produção de dados e dispositivo de cuidado. Consideramos que o sonho é a própria expressão da intersubjetividade e exploramos o dispositivo grupal como espaço de compartilhamento, colocando o sonho como mediador na relação entre as participantes. Observou-se que foram feitas elaborações a partir das associações coletivas, as quais foram interpretadas pelo próprio grupo com mediação da pesquisadora. As principais categorias de conteúdo identificadas foram: 1) sonhos com o trauma, com a experiência desmentida e 2) tentativas de elaboração, com sonhos de sobreviventes sem o apoio esperado. Além disso, observou-se que as participantes encontraram continência no grupo, com identificação mútua e acolhimento, o que teve importantes reverberações na vida de cada adolescente.

Palavras-chave: Abuso sexual, Adolescentes, Grupos, Sonhos, Psicanálise.

1 Doutoranda no programa de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista (Unifesp) e psicóloga do Tribunal de Justiça de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9440-0763> E-mail de contato: natalia.angel@unifesp.br

2 Professora Associada IV da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Coordena o Grupo de Pesquisas cadastrado no CNPq Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174> E-mail de contato: jaquelina.imbrizi@unifesp.br Instagram: @jaque.imbrizi

Introdução

A violência constitui-se como um fenômeno complexo e multifacetado, geralmente produzido por relações de poder. No caso de crianças e adolescentes, a violência é reforçada pela invisibilidade legitimada e pela condição de propriedade a eles imposta (Teodoro, 2020). Sendo um grave problema de saúde pública e violação dos direitos humanos, requer ações coordenadas entre o poder público e a sociedade para diminuir a lacuna entre o que é previsto pela lei e o que ocorre na realidade das cidades brasileiras (Lei n. 8.069, 1990).

Abordar a violência sexual como uma questão de política pública tem permitido compreender o problema como um fenômeno social composto por múltiplos elementos, envolvendo aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, que se manifestam nas relações de classe, gênero e raça/etnia (Castanha, 2008).

O Boletim epidemiológico lançado em 2024 (Brasil, 2024), com dados das notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil de 2015 a 2021, aponta que nesse período foram notificados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes brasileiros. Foram 83.571 (41,2%) em crianças e 119.377 (58,8%) em adolescentes, com um aumento progressivo ao longo dos anos, excetuando-se o ano de 2020, em que houve um decréscimo. Segundo o boletim, a maioria dos casos ocorreu na residência da vítima, 70,9% das vezes no caso de crianças e 63,5% no caso de adolescentes. O agressor foi apontado majoritariamente como sendo do sexo masculino: 81,1% das vezes no caso de crianças e 92,8% no caso de adolescentes. Entre as crianças, em 76,8% das notificações a vítima era do sexo feminino, e entre as adolescentes, 92,7%.

O boletim aponta, também, um aumento progressivo no número de serviços apresentados no Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (SCNES), demonstrando uma resposta do Estado ao enfrentamento a essa forma de violência, na perspectiva da proteção integral.

O objetivo deste artigo é apresentar um dispositivo de cuidado a adolescentes vítimas de abuso sexual que consiste em um grupo terapêutico que tem a narrativa onírica como mediadora. Trata-se da apresentação de resultados parciais de pesquisa realizada em um serviço de saúde que compõe a Rede de Proteção a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual de um município do Estado de São Paulo. Todos os nomes citados ao longo do texto são nomes fictícios.

Para atingir esse objetivo, abordaremos primeiramente a análise de aspectos sociais expressos nas narrativas oníricas e o modo como a violência sexual intrafamiliar foi figurada no sonho. Em seguida, apresentaremos o grupo terapêutico de sonhos enquanto método de coleta de dados da pesquisa e dispositivo de cuidado. Por fim, destacamos o impacto causado pelo grupo na vida das participantes.

A pesquisa

Na ocasião da realização da pesquisa, cuja fase de produção de dados foi de novembro de 2021 até novembro de 2022, a rede de proteção do município abrangia serviços de saúde, assistência social, educação, justiça e o conselho tutelar. No âmbito da saúde, contava com um programa, cujo protocolo abrangia desde a profilaxia para os casos ocorridos em menos de 72h, como o acompanhamento ambulatorial posterior em serviço de saúde específico, no qual eram atendidas as participantes da pesquisa.

O cuidado às adolescentes atendidas nesse programa consistia em atendimentos individuais semanais, e ocasionalmente em grupos terapêuticos, organizados por faixa etária e similaridade de demanda. Vincha et al. (2017) apontam que o grupo é um instrumento muito utilizado em serviços de saúde, devido a um reconhecimento de seu potencial em educação em saúde. Cabe ressaltar que sempre se visou um aspecto de acolhimento e reconhecimento mútuo.

Nesse contexto de cuidado, observaram-se alguns aspectos dessa forma de violência como uma expressão do sofrimento sociopolítico, possivelmente em uma reatualização traumática (Rosa, 2016). Em especial, a subjugação a partir da desigualdade de gênero.

Rosa (2016) aborda a irrupção do *traumático* balizando-o como a desorganização subjetiva a partir da manifestação do que escapa ao sentido e à significação. *Traumático* que “não designa a qualidade de um acontecimento, mas a desestruturante incidência subjetiva daquilo que irrompe por fora de uma trama de saber” (p. 44). A autora amplia o olhar sobre o *traumático*, localizando-o na própria experiência social no contexto da vulnerabilidade. Segundo ela, na modernidade, essa irrupção decorre do *desamparo social e discursivo*, através da desproteção de uma parcela da população por meio de uma quebra do contrato social, em que os sujeitos são excluídos do acesso aos bens e modos de gozo próprios do atual modelo econômico.

Em consonância com a perspectiva dessa autora, a análise realizada a partir do estudo dos prontuários e das entrevistas, demonstrou que a dimensão sociopolítica do sofrimento pode ser analisada a partir de uma leitura de classe e condições materiais de existência.

No atendimento realizado a partir de um referencial teórico psicanalítico, é comum a abordagem dos sonhos e sua interpretação, sendo algo recorrente na clínica. A ideia de utilizar o sonho como instrumento mediador em dispositivos grupais tanto de coleta de dados como de intervenção terapêutica tem em seu cerne o pensamento do psicanalista René Kaës (2004), que aborda o sonho enquanto uma expressão da intersubjetividade. Para ele, o sonho não se limita a uma vivência subjetiva individual, mas se constrói a partir das relações e interações entre diferentes sujeitos, consistindo, portanto, em um fenômeno intersubjetivo. Essa ideia parte de sua compreensão de que o próprio funcionamento psíquico não é isolado, mas influenciado pelas dinâmicas do grupo (Kaës, 2017).

A utilização de grupo como instrumento de cuidado é algo comum, especialmente no contexto institucional da saúde. Muitas publicações no campo da saúde pública e coletiva preconizam o trabalho com grupos (Seminotti, 2016), especialmente na Atenção Básica, mas também na atenção especializada, por exemplo, nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (Sousa et al., 2020).

Sonhos e as possibilidades de análise de aspectos sociais expressos nas narrativas oníricas

Os sonhos sempre despertaram fascínio e curiosidade, sendo vistos como janelas para o inconsciente. Na psicanálise, eles desempenham um papel crucial na compreensão das dinâmicas psíquicas inconscientes e das relações familiares. Procuramos, na pesquisa, examinar como os sonhos podem refletir e acessar as relações familiares, visando construir um método de análise para aspectos sociais e interpessoais, na medida em que a análise das narrativas oníricas torna possível um acesso às situações experienciadas de forma traumática que revelam um espaço psíquico comum.

Para isso, recorreremos inicialmente à própria construção da teoria psicanalítica, em cuja obra inaugural, *A interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019) constrói importantes conceitos da psicanálise, muitos dos quais serão aprofundados e modificados em outros momentos de sua obra. Os sonhos, segundo o psicanalista, são essencialmente realizações de desejos inconscientes, deformados pela censura para se tornarem aceitáveis às normas sociais. Para ele, mesmo os sonhos em que o conteúdo manifesto apresenta aparente desprazer, carregam os desejos que foram deformados pela censura. Em resumo, para ele, “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, reprimido)” (p. 195).

Com a modificação na teoria metapsicológica, ocorrida a partir da escuta dos sonhos traumáticos trazidos pelas pessoas que combateram na primeira guerra, Freud (1920/2010) insere a compreensão da pulsão de morte e compulsão à repetição, identificando correlativamente uma modificação na percepção da função onírica, tendo como causa acontecimentos de cunho traumático (Rudge, 2016).

Em consonância com essa nova possibilidade de leitura do sonho, Ferenczi (1934/2011) sugeriu que os sonhos poderiam ser mais literais e menos simbolicamente disfarçados, proporcionando uma via mais direta para acessar memórias reprimidas de abusos e negligências realmente ocorridos. A análise dos sonhos, para Ferenczi, podia revelar a profundidade dos traumas infantis e as disfunções familiares que permanecem na psique adulta.

No texto *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi (1934/2011) aponta o caráter traumático expresso na composição onírica, inclusive pelos restos diurnos, balizando a função elaborativa do sonho, intrínseca à expressão do traumático, que ele denominou de função traumatolítica do sonho.

A interpretação dos sonhos, de Freud, apresenta como única função do sonho a transformação em realização do desejo dos restos diurnos desagradáveis que perturbam o sono. A importância desses resíduos do dia e da vida é esclarecida com uma precisão e uma acuidade quase inigualáveis; penso, entretanto, que o retorno dos restos diurnos já representa por si mesmo uma das funções do sonho. Pois se observarmos com minúcia a relação entre a história pessoal e os conteúdos oníricos, torna-se cada vez mais evidente que aquilo a que chamamos os restos diurnos (e podemos acrescentar: os restos da vida) são, de fato, sintomas de repetição de traumas; . . . a tendência à repetição na neurose traumática também tem uma função intrinsecamente útil: ela vai conduzir o trauma a uma resolução. . . (Ferenczi, 1934/2011, p. 128).

Ou seja, para Ferenczi, os sonhos não apenas revelam o trauma, mas têm um papel terapêutico crucial na cura. Ele via a análise dos sonhos como uma forma de ajudar os pacientes a reviver e integrar experiências traumáticas que foram reprimidas ou dissociadas.

Em consonância com essa leitura sobre os sonhos, de modo ainda mais abrangente, o psicanalista René Kaës (2017) propôs inclusive que os sonhos são moldados por alianças inconscientes e transmissões psíquicas entre gerações, refletindo as dinâmicas familiares transgeracionais. Ele enfatizou a importância do *espaço interpsíquico*, onde os pactos e memórias compartilhadas dentro da família influenciam profundamente os sonhos dos indivíduos.

Esta perspectiva destaca como os sonhos podem capturar e revelar padrões psíquicos e emocionais herdados, oferecendo uma compreensão mais ampla das influências familiares que moldam o inconsciente. É especialmente nesse ponto que o psicanalista e grupalista se torna essencial para este artigo na compreensão de que a análise de situações particulares revela aspectos mais amplos dos traumas transmitidos intergeracionalmente.

Em seu livro *A polifonia do sonho* (2004), Kaës aborda a função do “porta-sonhos”, enquanto o participante que, em espaço de compartilhamento de sonhos, acaba por expressar e representar aspectos vivenciados, percebidos sensivelmente e compartilhados com outros membros do grupo. Citando uma pesquisa realizada em serviço de pediatria, pelo Dr. J-E Schowalter (2004), que coletou relatos de sonhos, em situação grupal, de enfermeiras que cuidaram de adolescentes gravemente doentes e, muitos deles, morreram durante o tratamento. O pesquisador notou: “. . . o fato de que a pessoa que sonhou revele seu sonho inicia e alimenta uma intimidade compartilhada no grupo, suscita outros sonhos e contribui para modificar as emoções e as atitudes dos outros” (Kaës, 2004, p. 166).

O dispositivo de grupo, a partir de abordagem psicanalítica, permite que os integrantes vivenciem, compartilhem e elaborem coletivamente conteúdos inconscientes que emergem na interação com os outros, consistindo, assim, em um espaço transferencial (Fernandes & Hur, 2022). Na perspectiva de Kaës (2017), o dispositivo de grupo em psicanálise é profundamente marcado pela consideração das alianças inconscientes e pelo reconhecimento de que o grupo possui uma dimensão psíquica própria, distinta da soma das individualidades de seus membros. Essa dimensão psíquica própria, que o autor denomina de “terceiro psíquico”, opera como uma espécie de mediador. Podemos dizer que culmina na presença de fantasias compartilhadas e simbiose grupal, possibilitando a emergência de significados inconscientes, consistindo em um *espaço psíquico compartilhado*, conceito que será melhor explorado mais adiante.

Tem-se observado, na atualidade, um crescimento das propostas de dispositivos grupais em psicanálise (durante e após a pandemia) mediados pelo sonho (Castanho et al., 2022). Nesse artigo, apresentamos uma experiência grupal que consistiu concomitantemente em instrumento de produção de dados e dispositivo de cuidado a adolescentes que foram vítimas de abuso sexual intrafamiliar.

O compartilhamento das narrativas oníricas nesse contexto culminou em uma maior interlocução inconsciente das participantes, que já haviam estado juntas em outros espaços de cuidado. Cabe explicitar que são adolescentes que foram acolhidas no serviço e participavam

de atendimentos individuais com a pesquisadora que, por sua vez, convidou-as para participar do dispositivo grupal. Das que responderam afirmativamente ao convite, podemos delinear o perfil do grupo: todas eram do gênero feminino, uma delas era negra, duas brancas e as demais eram pardas, a maioria estava em situação de vulnerabilidade social e no que se refere à orientação sexual, uma delas se descrevia como bissexual, uma como heterossexual e as outras não abordaram a questão. As que mencionaram, o fizeram espontaneamente. Observou-se que o sonho operou como um mediador que acabou por tornar-se um elo para as alianças inconscientes, culminando em elaborações realizadas coletivamente, além da continência grupal espontaneamente produzida (Kaës, 2004, 2017).

O espaço familiar como (re)produtor de violências

Durante muito tempo, o núcleo familiar foi sacralizado e considerado inviolável. Apesar disso, gradativamente a sociedade passou a compreender a criança e o adolescente como sujeitos de direito (Rangel, 2009). No Brasil, foi somente na constituição de 1988 (Brasil, 1988) em seu art. 227, e mais efetivamente em 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei n. 8.069, 1990), que crianças e adolescentes foram legalmente protegidos por lei especial, e reconhecidos enquanto pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Rodrigues (2017) baliza a história da família brasileira como iniciada e marcada pelo modelo patriarcal “. . . importado pela colonização e adaptado às condições sociais do Brasil de então: latifundiário e escravagista” (p. 35) e afirma que esse modelo constitui uma das matrizes da organização social brasileira a partir da posição da mulher na família e na sociedade em geral. A compreensão dessa raiz do lugar da mulher nos auxiliará a analisar a dinâmica dentro da qual a violência se faz presente e se reproduz em diferentes modalidades.

Essa autora afirma que o discurso sobre o modelo ideal de família está relacionado às respostas ao fenômeno do abuso sexual intrafamiliar, contribuindo para perpetuá-lo. Ela refere que por representar características da sociedade em que está inserida, esse padrão não constitui um problema isolado de uma família, mas de várias, em que a dinâmica das relações sustenta o segredo como elemento de coesão da família, em detrimento da proteção das crianças e adolescentes. Em consonância com esse pensamento encontra-se a posição defendida por Morgado (2012) de que o imaginário da família como um espaço de afeto, respeito, união e repleto de amor compromete e dificulta sua análise enquanto instituição social produto de um tempo histórico e constituída por relações de dominação que estão atravessadas “por relações sociais de poder hierarquizadas com base nas dimensões estruturantes da sociedade: classe, gênero e etnia” (p. 18).

Castanha (2008) aponta a desigualdade de poder nas relações de gênero, associada a sua transmissão geracional, como corte fundamental em situação de violência sexual, seja no caso do abuso ou da exploração sexual comercial e não comercial. A autora avalia inclusive que é a partir dessa perspectiva que a maior parte das pesquisas nesse campo tem como base a teoria do poder. Assim, compreende necessário caracterizar fatores de risco para a violência sexual considerando as relações de geração, gênero, raça/etnia, desigualdade, classe social

e condições econômicas, pois essas determinam as dinâmicas sociais e as interações entre adultos e jovens.

A partir de uma leitura psicanalítica, porém, nos cabe ampliar essa percepção, na medida em que associado ao poder, deve-se considerar o desejo. E o desejo tem seu lugar nos dois sujeitos: abusador e vítima, adulto e criança ou adolescente, devidamente contextualizados. Ferenczi (1933/2011), em seu texto *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, aborda justamente essa diferença na linguagem do desejo, em que há uma desigualdade no modo como ele está inscrito:

. . . um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou seu autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências (p. 116).

O abuso sexual, portanto, consiste nessa desmedida de poder, que transmuda a relação que a criança (ou adolescente) estabelece, forjando-a a partir do desejo do adulto. Além disso, no contato com as adolescentes e suas famílias, observamos que muitas delas estavam não apenas marcadas, mas atravessadas por diversas violências e desproteções do Estado em múltiplos sentidos. Cabe destacar que muitas mães das crianças e adolescentes atendidas tinham, em sua infância, sofrido abuso sexual. Quando se pensa em violações de direitos de modo mais amplo, a abrangência é ainda maior, pois transpassa gerações, e, ainda no presente, constata-se a impossibilidade de acesso à moradia adequada, à educação, à saúde e às políticas sociais efetivas, como acesso a emprego e renda, entre outros.

Trajetória e métodos de pesquisa

Foi realizada pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-intervenção, de abordagem psicanalítica.³ Considerando o referencial adotado, optamos, na escolha metodológica, por instrumentos em consonância com a própria ética e metodologia da psicanálise: a entrevista clínica e grupo terapêutico de orientação psicanalítica. Também foi realizado o registro de sonhos no contexto dos próprios atendimentos individuais, além de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental aos prontuários. Procuramos garantir que a produção dos dados ocorresse o mais próximo possível da espontaneidade, na intersecção entre a clínica e a pesquisa, uma vez que os sujeitos foram pessoas atendidas pela pesquisadora ou que tiveram alta no período de até um ano pregresso ao início da pesquisa.

3 Durante toda a realização da investigação, as pesquisadoras se ativeram às normas e procedimentos éticos da Declaração de Helsinque e da legislação brasileira, nos termos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Leitura cega e todos os nomes atribuídos às participantes são fictícios.

Foram convidadas a serem participantes da pesquisa as adolescentes atendidas pela pesquisadora no programa oferecido pela rede de proteção do município. Como critérios de inclusão foram considerados: a situação de abuso sexual intrafamiliar, estar em atendimento psicológico no referido programa pela pesquisadora ou ter recebido alta há no máximo um ano, concordar em participar do estudo e ter autorização dos pais ou responsáveis para tal. Foram considerados critérios de exclusão a ocorrência de transtorno mental grave ou déficit cognitivo, visto que tais casos abrangeram aspectos mais amplos dos fenômenos investigados que não eram foco desta pesquisa.

A pesquisa teve como sujeitos oito adolescentes, entre 13 e 18 anos. Embora esse não tenha sido um critério de inclusão ou exclusão, todas as participantes foram do gênero feminino, e seus abusadores do gênero masculino (tio, padrasto/namorado da mãe ou pai), à exceção de uma, cuja mãe participava dos abusos junto ao padrasto. O tempo de recorrência dos abusos variou de alguns meses a oito anos até a revelação. Sete das oito participantes não tiveram o reconhecimento da situação de violência logo após a revelação, tendo suas figuras de confiança duvidado das acusações feitas. Todas residiam em bairros periféricos, em contexto de vulnerabilidade social.

Após a concordância com a participação da pesquisa, as participantes primeiramente passaram pela entrevista, considerada a primeira fase da coleta de dados, em que investigamos a dinâmica das relações familiares e a interpretação das adolescentes com relação a elas. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente.

Em seguida, foi solicitado que realizassem anotações ou relato de seus sonhos por um período de dois meses, dentro do contexto dos atendimentos, podendo ser utilizados também registros anteriores de sonhos relatados no contexto terapêutico a partir das anotações da pesquisadora em prontuário individual. Nos casos das duas participantes que já tinham tido alta, foram utilizados os registros de relatos de sonhos em prontuário individual e agendados atendimentos semanal ou quinzenal, de acordo com a disponibilidade das adolescentes, para o relato e abordagem individual dos sonhos.

Terminado o tempo solicitado de registro dos sonhos, realizamos os encontros do grupo terapêutico, que tiveram como foco as relações familiares e a narrativa onírica, visando promover um espaço de escuta e de associação livre compartilhada. Os encontros ocorreram de forma virtual, por preferência das participantes, em razão da dificuldade em encontrar horários comuns de forma presencial. Foram realizados quatro encontros, entre abril e maio do ano de 2022, com duração de cerca de uma hora e meia, com cinco participantes.

Foi observada a dinâmica estabelecida entre as participantes, dando lugar ao inesperado, pontos de surpresa que pudessem produzir saberes a serem levantados e produzidos coletivamente, buscando promover o trabalho de elaboração psíquica (Ferreira & Vorcaro, 2018; Kaës, 2004).

Análise da produção dos dados

Preliminarmente, em consonância com a perspectiva psicanalítica, é importante mencionar que partimos do pressuposto de que os dados não são apenas “coletados”, sendo

produzidos pelo pesquisador na medida em que se lança luz sobre eles. Considerando que as participantes da pesquisa eram atendidas pela pesquisadora, bem como o referencial teórico psicanalítico, procuramos fazer uma coleta/produção de dados que se aproximasse o máximo possível de um contexto clínico. Nessa perspectiva, foram considerados também os aspectos relacionados à transferência, seja nas entrevistas, seja nos encontros do grupo terapêutico.

O contato com os conteúdos provocou, na terapeuta/pesquisadora, sentimentos de impotência e identificação com o lugar de não reconhecimento. Também foram provocados sentimentos de vulnerabilidade pelo lugar de ser mulher, em um mundo machista e opressor às mulheres, causando dúvidas inclusive sobre o reconhecimento dos resultados da pesquisa, no sentido de se o conhecimento produzido seria validado pela comunidade científica e pela sociedade. Interpretamos tais reações contratransferenciais como tendo sido provocadas pelo sentimento das próprias adolescentes frente à violência sofrida, um lugar estático vivenciado por elas associado ao não-valor e silenciamento.

Foi possível perceber que houve significativa diferença em relação aos dados das entrevistas e os dados do grupo terapêutico, em especial no que tange aos mecanismos de defesa. Observamos que, ainda que em todos os casos houvesse a relação terapêutica bem estabelecida, nas entrevistas as adolescentes se mostraram muito mais emocionalmente defendidas, com respostas esquivas e racionalizadas. Em contrapartida, no grupo, foi-se desvelando aspectos inconscientes com mais facilidade e disponibilidade para as interações, reduzindo-se o grau de ansiedade e favorecendo que as associações fossem feitas coletivamente.

Nos parece que nas entrevistas houve uma preocupação, por parte das participantes, de “responder o certo” e de atender às expectativas da terapeuta/pesquisadora. Interpretamos que isso se deu em decorrência da relação transferencial previamente estabelecida.

O grupo terapêutico: a transformação do espaço psíquico comum em compartilhado

No cuidado às(aos) adolescentes no programa oferecido pela rede de proteção do município estudado, um importante dispositivo de cuidado é o trabalho com grupos. Percebemos que o grupo possibilita uma escuta e um compartilhamento da dor e da experiência para além das possibilidades do atendimento individual, ainda que nos utilizemos de ambos complementarmente.

Nesse sentido, a partir do pensamento de Kaës (2004) de que o sonho é a própria expressão da intersubjetividade, visamos explorar esse espaço de compartilhamento por meio da oferta de um dispositivo grupal de orientação psicanalítica, que coloca o sonho como mediador na relação entre os participantes. Possibilitando, assim, um cuidado que explore esse potencial terapêutico e elaborativo da narrativa onírica compartilhada, investigando suas nuances.

Visamos que essa etapa da pesquisa se constituísse ao mesmo tempo em um dispositivo de produção de dados e um dispositivo de cuidado, além de servir como um disparador para associações livres compartilhadas.

Segundo Ferreira e Vercaro (2018), que abordam o método da conversação como metodologia de pesquisa-intervenção em psicanálise, não se deve solicitar aos participantes que

falem sobre algo já conhecido, nem ter um roteiro pré-determinado, mas sim ter “um ponto de partida, que compreende situações-problema, ou seja, o sintoma em que se localiza o mal-estar, e que consistem em relatos da própria experiência ou de similares” (p. 138) e uma postura da pesquisadora que crie espaços para a continência e o cuidado como pré-condição para convidar as participantes para associarem livremente e para o processo de elaboração. Utilizamos como ponto disparador a questão das relações familiares no contexto em que as situações abusivas ocorreram e solicitamos o compartilhamento de seus sonhos espontaneamente.

Ao se reunirem, a terapeuta/pesquisadora propunha que uma das participantes compartilhasse com o grupo um sonho que teve, descrevendo os detalhes e, posteriormente, dizendo quais associações estabelecia com o material relatado. Em seguida, as demais participantes eram convidadas tanto a fazer perguntas, quanto a construir suas próprias análises como a dizer como se sentiram e como o sonho ecoou e/ou reverberou nelas próprias ou não. Na sequência, outra participante podia relatar outro sonho e seguia-se na mesma dinâmica.

Foi sendo feito o direcionamento para que ocorresse, de modo compartilhado, a identificação de significados nos conteúdos oníricos, buscando caracterizar os aspectos coletivos/sociais na intimidade do sonho.

Desde o primeiro encontro, as participantes pareceram ter uma identificação entre si, o que favoreceu uma fluidez na dinâmica grupal desde o primeiro momento. Poucas intervenções da pesquisadora foram necessárias, que procurou manter uma postura de continência e não diretiva, análoga a uma posição de analista em um setting clínico, na perspectiva da pesquisa que se dá organicamente como um espaço de cuidado. O grupo parecia sedento desse espaço coletivo de escuta, acolhimento, identificação mútua e empoderamento.

No primeiro encontro foi feita uma apresentação da proposta do grupo, conforme já havia sido conversado individualmente com cada uma. Em seguida foi feita uma rodada de apresentação em que cada uma falou seu nome e idade e as expectativas mobilizadas, conforme sugerido pela pesquisadora. As apresentações foram breves e em geral as participantes mencionaram esperar um espaço em que fossem compreendidas por estar com outras pessoas que passaram situações “semelhantes”. A maior parte delas já havia feito parte de grupo terapêutico presencial em algum momento de seu acompanhamento pelo programa, sendo que algumas já se conheciam.

A continência encontrada no grupo, expressa pelos sonhos e falas das participantes, demonstrou um fator decisivo para a eficácia terapêutica do dispositivo apresentado, principalmente a partir da identificação mútua e acolhimento. Observamos, porém, que essa continência e identificação, já experienciadas em outros grupos, foram maiores na medida em que se utilizou da narrativa onírica. É como se ao narrar o sonho ou ouvir o sonho da outra se instituisse uma relação de intimidade. Kaës (2004) afirma que é nesse momento que um espaço psíquico comum se transforma em compartilhado:

A coisa em comum não significa que ela seja psiquicamente compartilhada: não supõe a ação de identificações, de fantasias ou de algum mecanismo de defesa entre essas pessoas. . . . Ter determinado traço em comum não significa, portanto, que ele seja compartilhado. O que transforma o comum em compartilhado é o que ativa o vínculo. Ativar um vínculo é entrar numa lógica do “não um sem o outro” nas trocas tópicas,

dinâmicas e econômicas. Uma fantasia comum é compartilhada quando cada sujeito ativa nessa fantasia um lugar correlativo ao lugar de um outro ou de vários outros, aos quais ele se vincula numa cena inconsciente compartilhada em que se distribuem, de maneira complementar ou invertida, esses lugares psíquicos. Cria-se então um processo em que algo de cada um deles combina, concorda, *emparelha* com elementos homólogos da psique do outro (Kaës, 2004, p. 56).

É possível observar essa dinâmica pelo modo como as relações foram se estabelecendo desde o primeiro encontro, quando começamos a falar sobre os sonhos e o sonhar. Cada participante apresentou as características do que costuma sonhar e de como é a experiência com sonhos, bem como as impressões sobre seus próprios sonhos de modo geral.

A adolescente Helena relatou ser raro lembrar-se de seus sonhos, mas que costumam ser bem reais. Referiu ter a percepção de que está sonhando em quase todos os seus sonhos, mas que não consegue acordar. Também mencionou que em muitos de seus sonhos se sente presa como em uma prisão e que algumas vezes sonha em forma de desenho animado.

Após a explicação, a adolescente Fabiana disse ter se identificado com a fala sobre sentir-se presa e desejou relatar um sonho que havia tido na semana anterior:

Estava no mar [depois compartilhou com o grupo ter um intenso medo do mar] e estava sendo atacada por algum animal. Não soube especificar que animal era, porém descreveu como “feroz, assustador”. Enquanto era atacada, a mãe estava fora da água, observando, sem fazer nada. Consegui sair e a mãe nada esboçou para ajudá-la. Senti tristeza e raiva, quis ir brigar com ela, mas não conseguia falar, ao aproximar-se dela, acordou.

A pesquisadora perguntou como o sonho foi interpretado pela sonhante, e em seguida perguntou como o sonho reverberou nas demais participantes.

Fabiana referiu que se sente assim sobre sua mãe, que na semana em que teve este sonho estava brigando muito com a mãe e que não sentia ter o apoio dela, que apesar de ela ter acreditado nela e feito o boletim de ocorrência sobre o abuso, acha que em alguns momentos a mãe tem dúvidas sobre ter feito a coisa certa. Além disso, Fabiana relatou ter recentemente revelado para a mãe sua sexualidade, após ter se compreendido bissexual, tendo esse fato intensificado o conflito entre as duas.

Nesse momento, Helena disse que achava que o sonho significava que Fabiana estava buscando a proteção da mãe, que o ataque representava o abuso. Ou que então poderia significar a aceitação da sexualidade, por parte dela própria. Que em ambas as hipóteses, apesar de não ter tido o apoio da mãe, conseguiu sobreviver sozinha, e afirmou para Fabiana o quanto ela é forte para vencer seu medo e enfrentar o ataque. Fabiana ficou emocionada, dizendo que a interpretação de Helena fazia muito sentido e que foi muito bom ter ouvido que era forte, pois nunca tinha olhado a situação dessa forma. Ana afirmou que Fabiana parecia ter o desejo de que a mãe fizesse alguma coisa e que sentiu revolta por ela não fazer.

O sonho provocou sentimentos compartilhados de desproteção. E ainda que não tenham sentido o apoio em suas figuras de confiança, encontraram esse apoio no compartilhamento da experiência onírica. Cabe destacar que os elementos do sonho estão muito próximos ao experimentado no cotidiano dessas jovens, sem muita fantasia ou deformações, o que reforça a perspectiva dos sonhos traumáticos que repetem a situação

que desencadeou o sofrimento, ou seja, certa insegurança advinda do ambiente familiar e, assim, a mãe que deveria proteger aparece claudicante e sem condições de amparar a filha.

Dados produzidos nos grupos mediados pelos sonhos

Sonhos compartilhados: elaborações a partir das associações coletivas

O que nos chamou muita atenção foi o fato de que, apesar de inicialmente dizerem que “quase não sonhavam” ou que não lembravam de seus sonhos, durante as semanas em que o grupo se reuniu, as participantes relataram terem tido um trabalho onírico intenso com lembranças que continham inclusive muitos detalhes de seus sonhos. Isso aconteceu desde o primeiro encontro, quando a participante Fabiana relatou um sonho que teve na semana anterior, mencionado acima. Pareciam estar sonhando *para o grupo* (Kaës, 2004).

Em geral, todos os sonhos apresentados no grupo pareceram falar ou referenciar o abuso de alguma forma. Essa constatação foi feita tanto pelo grupo, nas discussões, como pela pesquisadora, em análise posterior das anotações feitas sobre os encontros. O trabalho onírico das participantes parece ter se constituído em um trabalho grupal. À medida em que os encontros foram ocorrendo, as adolescentes passaram a experienciar e compartilhar sonhos cujos conteúdos mantinham uma coerência e um sentido comum. Nesse aspecto, pode-se compreender que a partir do compartilhamento de um sonho com o grupo, uma participante pode estar exercendo a função de “porta-sonhos”, oferecendo uma simbolização para aspectos que não estavam podendo ser expressos de outro modo pelo grupo, encontrando ressonância nas demais singularidades.

No segundo encontro todas pareciam estar ansiosas por compartilhar seus sonhos. Ainda que tivessem pessoas que não tinham estado no primeiro, as adolescentes pareciam se sentir muito à vontade para falar e somar às falas umas das outras, desde o início.

Após as explicações iniciais, Carla inaugurou a fala, dizendo que em seus sonhos sempre costuma estar fugindo de alguém ou de alguma coisa e nessa fuga a angústia é enorme, pois sabe que quem a está perseguindo está querendo matá-la.

Daniela, que estava no grupo pela primeira vez, disse que seus sonhos também costumam ser assim. Questionadas pela pesquisadora, não souberam dizer quando foi que começaram a ter esse tipo de sonho.

Carla contou que recentemente sonhou que “estava sendo perseguida por um lobisomem, que o local estava muito escuro, que ela não conseguia ver muita coisa, apenas sabia que tinha um bicho a perseguindo”.

Antes de fazerem associações, Daniela desejou compartilhar um sonho que o relato a fez lembrar, que também havia tido recentemente:

Estava andando com a minha avó e ela disse que estava com sede, aí fomos até uma loja, mas o vendedor diz que não tinha água, ele era um homem estranho e puxou minha avó para dentro, então eu comecei a correr, mas depois de um tempo o homem me alcançou e me puxou também. Eu acordei assustada.

No que se refere às associações estabelecidas pelas participantes, Carla disse que, nas situações de abuso que sofreu por homens próximos dela que aconteciam na sua casa, ela

sempre tentava fugir. Trata-se de um sonho recorrente no qual ela tenta escapar de dentro de uma casa.

Além disso, Carla chamou a atenção para o fato de que em seus sonhos ela nunca se sente ameaçada por figuras femininas, que sempre é perseguida por um homem ou por um bicho. E disse que a casa, em seus sonhos, pode representar sua família, da qual está tentando sair. Cabe destacar que associações relativas à violência e desigualdade de gênero foram feitas a quase todos os sonhos relatados no grupo, em todos os encontros.

A despeito disso, após narrar um pouco de sua vivência de abuso, Helena pode perceber que, costumeiramente, o abuso é tido como culpa da mulher e que há invisibilização de sua fala e dos seus pedidos de ajuda. Todas as presentes concordaram e reafirmaram a questão do machismo que permeia nossa sociedade e nos torna vulneráveis pelo simples fato de sermos mulheres. Mencionou ainda a situação de abuso sofrida por ela, em que foi vítima de abuso por seu padrasto e sua mãe, e que na família foi ela quem “ficou como a errada”. Segundo ela, a postura da família para com sua mãe foi “mesmo você tendo feito isso, pode contar conosco” e que se identificou com Fabiana no sonho por ter que encontrar uma forma de sobreviver sozinha, sem apoio. Fabiana relatou que seus pais chegaram a brigar com ela por não querer falar com o tio [abusador], mesmo após a revelação do abuso. Parece que neste momento do grupo é possível localizar os efeitos dos gritos mudos das mulheres e adolescentes que sofrem violência sexual, o grupo pode ser um espaço de escuta a esse grito e esta pesquisa pode ser a denúncia dessas situações invisibilizadas na nossa sociedade.

Helena inferiu que “às vezes eles [a sociedade] não querem enfrentar a realidade e fazer a denúncia”.

As integrantes reconhecem que essas situações são o reflexo do machismo e da necessidade de encaixar as pessoas como “boas” e “más”. Assim, elas explicitaram que muitas pessoas da família podem ser acobertadas por serem consideradas boas demais para cometer uma violência desse tipo. Cabe ressaltar como essas adolescentes têm conhecimento condições para analisar a situação vivida, mas de tanto serem desmentidas, acabam por desacreditar de si mesmas e podem perder a esperança de transformar as situações que as aprisionam à realidade violenta (Ferenczi, 1933/2011).

Carla, nessa linha de raciocínio, afirma: “Não aguento injustiça. Não estou bem na minha família. Mesmo minhas tias sendo religiosas e casadas, eu sei que não tem um bom casamento. Todos os abusos que sofri foram dos homens casados, indo para a igreja, com roupa longa”.

A discussão versou sobre as hipocrisias sociais reforçadas pelas tradições em incoerência com as intenções e atos das pessoas, em especial nos contextos familiares e religiosos. Para analisar essa situação, nós novamente retomamos nosso autor de referência que indicou os impactos das mentiras, dos desmentidos e das hipocrisias dos adultos na constituição psíquica de nossas crianças. Um dos efeitos se refere ao fato de que elas podem perder a esperança no futuro e, conseqüentemente, sua força vital (Ferenczi, 1933/2011). Apostar no grupo e na partilha de sonhos pode ser um movimento de resgate e retomada da expectativa de uma vida diferente com vistas à uma comunidade de destino mais acolhedora.

No que tange ao conteúdo dos sonhos narrados e suas respectivas análises, observamos duas categorias principais, que serão mais bem descritas a seguir: 1) reviver o trauma e 2) sobreviver a ele e elaborá-lo.

Sonhar o trauma: o desmentido no sonho

Eu sonhei com aquele cara [marido da sua tia, seu abusador], sonhei que estava na casa dele. A gente estava em um churrasco na casa dele e minha família já sabia o que tinha acontecido e mesmo assim eles me obrigavam a ficar lá. Aí ele começou a me provocar, dizendo que ninguém acreditava em mim e eu comecei a jogar coisas nele. Eu cheguei a falar que tem tantas pessoas que morrem todos os dias e que ele podia ser uma delas e acordei (Fabiana – Sonho registrado no período em que foi solicitado que as participantes anotassem seus sonhos).

Embora o sonho acima não tenha sido compartilhado no grupo, ele representa um importante aspecto que foi amplamente discutido no grupo: todas as participantes relataram experienciar, de forma mais ou menos intensa, o sentimento de não ter sua fala legitimada e de ter sofrido uma segunda dor ao contar do abuso e não acreditarem nela. Mesmo a adolescente Ana que foi imediatamente fazer um boletim de ocorrência, também relatou ter se sentido deslegitimada e desautorizada em sua fala em algum momento do processo.

As adolescentes compartilharam que, durante a realização da pesquisa, desde as entrevistas e durante o período em que foi solicitado que as adolescentes registrassem seus sonhos, elas passaram a sonhar repetidamente com o trauma. Sonhos cujos conteúdos foram interpretados por elas como relativos ao abuso. E, mais que isso, muitos sonhos continham situações em que elas falavam e não eram ouvidas, compreendidas ou creditadas.

Nesses relatos e registros de sonhos, foi observado que elas estavam vivendo e revivendo o sentimento causado pelo que Ferenczi (1933/2011) chama de “desmentido”. Segundo este autor, a constituição de um trauma ocorre em três tempos: o primeiro tempo é a ocorrência de algo que mobiliza grande quantidade de energia psíquica; o segundo tempo ocorre quando o sujeito busca outra figura de confiança para compartilhar a experiência vivenciada; e o terceiro tempo, que finaliza a instauração do trauma, é o momento em que essa figura de referência “desmente” e/ou “desacredita” a experiência vivida e sentida, minimizando ou não legitimando o sofrimento compartilhado. Para Ferenczi, esse terceiro tempo seria o momento em que se instaura efetivamente o trauma.

Tanto no sonho descrito acima como nos que serão descritos a seguir, bem como em outros compartilhados no grupo e nos registros, observou-se o importante aspecto de revelar algo e não ser ouvido.

Sonhei que estava em uma casa de praia e fui andar de lancha com as pessoas dessa casa. Os jovens foram andar de lancha e os adultos ficaram na casa. Durante o passeio, a lancha começou a ir muito depressa porque alguém estava atrasado. Conforme a lancha se inclinava pela velocidade, eu consegui ver que na água tinham algas venenosas. De repente, apareceu um navio pirata que perseguiu a gente. Os piratas entraram na lancha e sequestraram as pessoas. Quando a gente estava perto da areia, eu consegui

pular e fugir. Fui a única que conseguiu pular. Nessa hora o navio pirata sumiu, como se fosse fantasma. Eu corri muito e consegui chegar até a casa para avisar os adultos, mas ninguém acreditou em mim. Então eu voltei para a areia e de repente todo mundo sumiu e eu estava sozinha (Helena).

Em meio às associações, Helena relatou que odeia quando as pessoas não a ouvem ou não acreditam nela, pois isso remete ao sentimento que teve após a revelação do abuso. Sobre esse sonho, relatou ter se sentido mal pois a praia é um lugar que ela adora, mas no sonho foi um lugar onde se sentiu muito só.

A adolescente Fabiana disse que o que reverberou para ela foi que a praia era um lugar em que ela deveria se sentir bem, mas se sentiu ameaçada, parecendo a forma como se sentiu diante de sua família, que era para ser um lugar de proteção, mas que foi o palco para a violência sofrida.

No encontro seguinte, a adolescente Daniela relatou um sonho que a fez lembrar do encontro anterior:

Sonhei que eu e minha mãe, a gente estava indo no mercado, aí chegando lá eu encontrei com a minha amiga, ela estava comprando umas coisas. Eu andava na frente dela e ela não me via, não me reconhecia, não falava comigo. Eu falava com ela e ela não me escutava. Era bem estranho. Depois eu acordei (Daniela).

Em muitos sonhos esteve presente o sentimento de desamparo, assim como nos ecos causados a partir deles nas falas do grupo. As discussões evidenciaram o quanto o não reconhecimento e a desautorização de suas falas lhes causava dor e lhes impactava a vida e a saúde mental.

Durante os encontros a pesquisadora compartilhou alguns conhecimentos sobre os sonhos, dentre eles a função traumatológica dos sonhos enquanto tentativas de elaboração do trauma do desmentido experimentado. Foi possível perceber que houve ressonância nas participantes, que reconheciam que estavam tentando elaborar a dor e o trauma pelo qual haviam passado. A possibilidade de partilha de experiências e sensações em um espaço grupal significa construir um espaço de confiança na qual elas não são desautorizadas e desacreditadas nem pela pesquisadora e nem pelas componentes do grupo. É neste sentido que a injúria e a violência sofridas no espaço público precisam ser reconstituídas em dispositivos grupais e, só assim, teriam alguma potência em restituir a crença e a confiança nos seres humanos e no futuro.

Tentativas de elaboração: sobreviver sem o apoio esperado

Eu sonhei que o Bob, meu cachorro, estava doente, e não podia mais comer ração, ele só podia beber o leite da mãe dele. Eu fiquei preocupada porque eu comprei ele de uma moça de Cubatão e eu pensei “ai o que eu vou fazer agora para achar essa moça” e aí eu tive que ir até Cubatão, mas ela não estava lá na cidade e eu tive que ir atrás de uma cachorra que tinha parido há pouco tempo para ela dar leite para ele. Consegui achar depois de muita dificuldade, ele mamou da cachorra, mas depois precisou voltar para casa e eu dei mamadeira para ele, o que o alimentou bem (Helena).

A busca pela sobrevivência ao trauma já demonstrou ser vivida no espaço onírico como uma tentativa de elaboração. Muitos sonhos cujas narrativas foram registradas ou compartilhadas no grupo tiveram, de forma bastante expressiva, conteúdos que, segundo a análise produzida em conjunto com o coletivo, consistiram em tentativas de elaboração. Muitos elementos oníricos descreviam situações em que as adolescentes tentavam (e conseguiam) sobreviver a despeito da falta de apoio esperado.

No sonho descrito acima, que foi compartilhado no terceiro encontro, as associações versaram principalmente sobre ter conseguido outra saída: o cachorro não recebeu o que precisava da mãe, e outra pessoa lhe supriu.

Para Ferenczi, os sonhos traumáticos não são uma exceção à regra, como postulou Freud, mas o próprio modo de funcionamento onírico. Nesse sentido, a tentativa de elaboração está, para o psicanalista húngaro, acima da realização de desejo (Gondar, 2013).

É interessante observar que Ferenczi se refere, no campo onírico, a impressões sensíveis, e não a representações recalçadas. Mais ainda: fala em impressões sensíveis traumáticas. O que seria isso? É que a vivência do trauma, forte demais para qualquer elaboração, não permite uma inscrição psíquica, nem consciente, nem inconsciente. Por esse motivo, nos sonhos traumáticos não há nenhuma lembrança, nenhum desejo inconsciente a ser desvelado. O que temos do trauma não são traços mnêmicos, nem tampouco representações inconscientes (Gondar, 2013, p. 30)

De outro modo, os sonhos, essencialmente, para Ferenczi, visam a elaboração traumática. A partir dos restos diurnos, que para ele não são elementos simbólicos, como para Freud, mas a própria repetição do trauma. Podemos afirmar que os sonhos compartilhados no grupo carregam essa literalidade, apresentando, repetidas vezes, os conteúdos relacionados ao trauma. Além da própria repetição imprimir o aspecto traumatolítico dos sonhos, percebe-se uma expressão quase consciente do desejo de elaboração. No sonho acima, a adolescente acaba por ser a agente da sobrevivência do cão que não teve o leite da mãe, que tanto precisava. Ao mesmo tempo, o desejo de solução é realizado. Ela salva a si própria, assim como elas salvam umas às outras no grupo.

Um outro sonho que consta nos registros escritos feitos pelas adolescentes também apresenta de modo bastante literal essa tentativa de elaboração: “Eu estava em um zoológico. Lembro que era na Rússia, eu estava vendo os leões, tinha uma competição que quem entrasse na jaula e não fosse devorado por um tempo determinado ganhava. Eu ganhei”. (Fabiana).

Esse sonho não teve a oportunidade de ser compartilhado no grupo, mas representa muitas das ideias que foram discutidas no sentido de expressar a busca por uma saída para aquilo que parece intransponível: sobreviver à violência que lhes subjugou.

Uma análise dos elementos dos sonhos em relação às histórias e ao conteúdo das entrevistas permitiu observar que em geral as adolescentes iniciaram o acompanhamento com muitas feridas emocionais, muitos traumas e fragilidades. E, em geral, foram encontrando estratégias de sobrevivência que foram sendo expressas nos sonhos. Isso foi ainda mais acentuado nos sonhos que tiveram durante as semanas em que estavam ocorrendo os encontros.

Foi possível perceber que os sonhos foram encontrando ressonância entre as participantes, constituindo um papel fundamental no processo de cuidado e que o

compartilhamento da experiência de elaboração possibilitou que essa fosse ocorrendo coletivamente.

Esperamos ter explicitado a importância do trabalho dos dispositivos grupais em psicanálise, mediados pelo sonho, para acolher o sofrimento agudo das adolescentes que sofreram abuso sexual, mas só isso não basta, precisamos de mais políticas públicas que possam erradicar este tipo de violência, tais quais o apoio do Estado para criar ações que visem a eliminação da desigualdade social, prepare espaços de formação e supervisão aos técnicos que visem a desconstrução da ideia de família ideal e a discussão sobre os efeitos psíquicos dos desmentidos e do silenciamento destas crianças e adolescentes. Ou seja, a preparação dos profissionais para atuar contra qualquer tipo de desmentido das falas das crianças e adolescentes.

Considerações finais

A partir dos resultados parciais da pesquisa (Leitura cega) aqui apresentada pudemos observar, especialmente no grupo terapêutico, que o compartilhamento da narrativa onírica, além de favorecer o processo elaborativo, subsidiou uma maior emancipação e autonomia das participantes no que se refere à perspectiva de contribuir para uma aproximação ao campo psíquico do outro e, assim, melhor reconhecendo o seu próprio. O que pode ter favorecido a identificação mútua e a ressignificação coletiva das histórias, a partir do conteúdo onírico.

As adolescentes que participaram da pesquisa já haviam se encontrado em diferentes espaços de grupo em outras ocasiões. Isso pode de alguma maneira ter facilitado a interação. Contudo, observamos uma importante diferença tanto no aspecto da identificação como no que se refere ao sentimento de pertença ao grupo quando trabalhamos o sonho como mediador do processo grupal. Assim, entendemos que esse modelo de dispositivo grupal que visa o compartilhamento da experiência e do espaço psíquico comum, culminou em um importante espaço de reflexão, de cuidado e, quiçá, pôde possibilitar o resgate da confiança no outro e no futuro.

Consideramos ter havido, portanto, maior aproveitamento da experiência coletiva e singular na oferta do grupo mediado por sonhos se a compararmos com as demais etapas da pesquisa. Assim, as participantes, ao narrarem os seus sonhos e ouvirem as narrativas das outras, foram se reconhecendo nas diferentes histórias e símbolos, encontrando uma ressonância que foi lhes enchendo de significado e esperança, tirando-lhes da solidão da dor que a violência e o *desmentido* causaram.

Quanto aos sonhos apresentados, verifica-se que estão muito próximos da função traumatolítica indicada por Ferenczi. Ou seja, além dos sonhos estarem vinculados a uma tentativa de elaboração de acontecimentos traumáticos, eles apresentaram-se mais literais e explicitaram elementos vinculados aos restos diurnos.

No que se refere às contribuições de Kaës, avaliamos que em comparação com outros espaços de grupo anteriormente utilizados, observamos uma ampliação do alcance possibilitada pelo compartilhamento dos sonhos. O grupo de orientação psicanalítica que teve a narrativa onírica como mediadora consistiu em um espaço privilegiado para investigar

e intervir nas interações entre o inconsciente individual e o inconsciente grupal, permitindo um trabalho analítico profundo que foi além do setting individual e de situações grupais que não utilizam esse recurso.

Essas adolescentes viveram situações que lhes foram tão arrebatadoras e lhes fizeram sentir-se tão vulneráveis que nos outros grupos em que estiveram juntas antes da proposta do compartilhamento das narrativas oníricas, ainda que tenha havido alguma identificação, não houve, nos termos de Kaës (2004), o compartilhamento do espaço psíquico – importante para a elaboração coletivamente produzida. Foi o sonho que lhes abriu esse espaço, por representar aquilo que não conseguiu ser representado de outro modo. Diante desse apontamento, nós convidamos os leitores e as leitoras para que possam replicar essa experiência, pois reconhecemos os limites dos resultados parciais da pesquisa Leitura cega apresentada neste artigo. Porém, entendemos que quanto mais difundirmos essa proposta, mais chances teremos de aumentar o seu alcance e comprovar sua importância política e produtora de conhecimentos em psicanálise.

Avaliamos que a narrativa onírica como mediadora do grupo terapêutico muito pode contribuir não só para vítimas de abuso sexual, mas também em diferentes contextos em que os participantes possuem um espaço psíquico comum construído por meio da dor compartilhada e, quiçá, das estratégias de superação construídas no coletivo.

Referências

- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (2024). *Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021* (Boletim epidemiológico, Volume 54, Nº 8). Brasília, DF.
- Castanha, N. (2008). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma questão em debate. In *Direitos sexuais são direitos humanos: coletânea de textos*. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania.
- Castanho, P., Emílio, S. A., Angelis, V., Silva, W. G., & Coutinho, M. (2022). Sonhar grupal: uma proposta para o trabalho com sonhos em grupo. *Revista da SPAGESP*, 23, 59-70.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de línguas entre os adultos e as crianças. In Ferenczi, S., *Obras completas: psicanálise IV* (pp. 111-135). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933).
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In Ferenczi, S., *Obras completas: psicanálise IV* (pp. 125-135). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934).
- Fernandes, M. I. A., & Hur, D. U. (2022). Psicanálise, grupo e teoria da técnica: conselhos ao jovem coordenador de grupos. *Psicologia USP*, 33. Recuperado em 24/08/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/HTtmWmR5WPmq3BdN6YVLhk/?lang=pt>>.
- Ferreira, T., & Vorcaro, A. (Orgs.). (2018). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).

- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de Psicanálise*, 35(29), 27-39.
- Kaës, R. (2004). *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Kaës, R. (2017). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República.
- Morgado, R. (2012). *Mulheres/mães e o abuso sexual incestuoso*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Rangel, P. C. (2009). *Abuso sexual intrafamiliar recorrente*. Curitiba: Juruá.
- Rodrigues, M. N. S. (2017). *Violência intrafamiliar: o abuso sexual contra crianças e adolescentes*. Jundiaí: Paco.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.
- Rudge, A. M. (2016). Sonhos traumáticos na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(4), 603-615.
- Schowalter, J. E. (2004). En utilisant les rêves pour aider le personnel de pédiatrie. In Kaës, R., *A polifonia do sonho*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Seminotti, N. (Org.). (2016). *O pequeno grupo como um sistema complexo: uma estratégia inovadora para produção de saúde na Atenção Básica*. Porto Alegre: Rede Unida.
- Sousa, J. M., Vale, R. R. M., Pinho, E. S., Almeida, D. R., Nunes, F. C., Farinha, M. G., & Esperidião, E. (2020). Efetividade dos grupos terapêuticos na atenção psicossocial: análise à luz do referencial dos fatores terapêuticos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(Supl 1). Recuperado em 24/08/2026 em: <<https://www.scielo.br/rj/reben/a/Wz3VxKjcnfwCpngp8pCwvFn/?lang=en>>.
- Teodoro, C. C. (2020). Criança e adolescente: da invisibilidade social e naturalização da violência à perspectiva da proteção integral. *Revista Humanidades em Perspectivas*, 2(4).
- Vincha, K. R. R., Santos, A. F., & Cervato-Mancuso, A. M. (2017). Planejamento de grupos operativos no cuidado de usuários de serviços de saúde: Integrando experiências. *Saúde em Debate*, 41(114), 949-962.

Dreaming and Elaborating: Dream Group as a Care Device for Adolescents Victims of Sexual Abuse

Abstract

Sexual violence is a social phenomenon composed of multiple elements, involving cultural, social, economic, and political aspects, which manifest in class, gender, and race/ethnicity relations. In the case of children and adolescents, it is reinforced by the legitimized invisibility and the condition of ownership imposed on them, being produced by power relations. The aim of this article is to present a care device for adolescent victims of sexual abuse, consisting of a therapeutic group that uses dream narration as a mediator. This is the presentation of partial results from doctoral research, conducted in a health service that provides care for children and adolescents who are victims of sexual abuse. From a psychoanalytic perspective, the research aimed to investigate aspects of sociopolitical suffering involving the dynamics of family relationships using dream narration as a resource for accessing the unconscious. The data production involved bibliographical research, individual interviews, dream recordings by the participants for two months, and, finally, the conduction of four group meetings, which functioned both as a data production tool and as a care device. Considering the perspective that dreams are the very expression of intersubjectivity, we aimed to explore this space of sharing, placing dreams as mediators in the relationship between participants. It was observed that elaborations were made from collective associations, which were interpreted by the group itself with the mediation of the researcher. The main content categories identified were: 1) dreams with trauma, with the denied experience, and 2) attempts at elaboration, with dreams of survivors without the expected support. Additionally, it was observed that the participants found containment in the group, with mutual identification and support, which had significant reverberations in the life of each adolescent.

Keywords: Sexual abuse, Adolescents Groups, Dreams, Psychoanalysis.

Soñar y elaborar: grupo de sueños como dispositivo de cuidado para adolescentes víctimas de abuso sexual

Resumen

La violencia sexual es un fenómeno social compuesto por múltiples elementos, que involucra aspectos culturales, sociales, económicos y políticos, los cuales se manifiestan en las relaciones de clase, género y raza/etnia. En el caso de niños y adolescentes, se refuerza por la invisibilidad legitimada y la condición de propiedad impuesta sobre ellos, siendo producida por relaciones

de poder. El objetivo de este artículo es presentar un dispositivo de cuidado para adolescentes víctimas de abuso sexual, que consiste en un grupo terapéutico que utiliza la narrativa onírica como mediadora. Se trata de la presentación de resultados parciales de una investigación doctoral, realizada en un servicio de salud que ofrece atención a niños y adolescentes víctimas de abuso sexual. Partiendo de una perspectiva psicoanalítica, la investigación se propuso investigar aspectos del sufrimiento sociopolítico que involucran las dinámicas de las relaciones familiares utilizando la narrativa onírica como recurso de acceso al inconsciente. La producción de datos involucró investigación bibliográfica, entrevistas individuales, el registro de sueños por parte de las participantes durante dos meses y, finalmente, la realización de cuatro encuentros grupales, que funcionaron al mismo tiempo como instrumento de producción de datos y dispositivo de cuidado. Considerando la perspectiva de que el sueño es la expresión misma de la intersubjetividad, buscamos explorar este espacio de intercambio, poniendo el sueño como mediador en la relación entre las participantes. Se observó que se realizaron elaboraciones a partir de las asociaciones colectivas, que fueron interpretadas por el propio grupo con la mediación de la investigadora. Las principales categorías de contenido identificadas fueron: 1) sueños con el trauma, con la experiencia desmentida y 2) intentos de elaboración, con sueños de sobrevivientes sin el apoyo esperado. Además, se observó que las participantes encontraron contención en el grupo, con identificación mutua y acogida, lo cual tuvo importantes repercusiones en la vida de cada adolescente.

Palabras clave: Abuso sexual, Adolescentes, Grupos, Sueños, Psicoanálisis.

Rêver et élaborer: groupe de rêves comme dispositif de soins auprès des adolescents victimes d'abus sexuel

Résumé

La violence sexuelle est un phénomène social composé de multiples éléments, impliquant des aspects culturels, sociaux, économiques et politiques qui se manifestent dans les relations de classe, de genre et de race/ethnie. Dans le cas des enfants et adolescents, elle est renforcée par l'invisibilité légitimée et la condition de propriété qui leur est imposée et produite par des relations de pouvoir. L'objectif de cet article est de présenter un dispositif de soins auprès des adolescents victimes d'abus sexuels, consistant en un groupe thérapeutique utilisant le récit onirique comme médiateur. Il s'agit d'une présentation des résultats partiels d'une recherche doctorale réalisée dans un service de santé s'occupant d'enfants et adolescents victimes d'abus sexuels. D'après une perspective psychanalytique, la recherche s'est proposée d'enquêter les aspects de la souffrance sociopolitique qui impliquent les dynamiques des relations familiales, en utilisant le récit onirique comme ressource d'accès à l'inconscient. La production des données a comporté la recherche bibliographique, des entretiens individuels, l'enregistrement de rêves par les participantes pendant deux mois et l'organisation de quatre

réunions du groupe consistant simultanément en un outil de production de données et dispositif de soins. Considérant la perspective selon laquelle le rêve est l'expression même de l'intersubjectivité, nous cherchons à explorer cet espace de partage, en plaçant le rêve comme médiateur dans la relation des participantes. Nous observons qu'à partir des associations collectives des élaborations ont été faites et interprétées par le groupe avec la médiation de la chercheuse. Les principales catégories de contenu identifiées sont : rêver du traumatisme, avec l'expérience déniée ; tenter d'élaborer, avec des rêves de survivants sans le soutien attendu. Nous observons également que les participantes ont retrouvé un groupe contenant, avec l'identification mutuelle et l'accueil, entraînant d'importantes répercussions dans la vie de chaque adolescent.

Mots-clés: Abus sexuel, Adolescents, Groupes, Rêves, Psychanalyse.

Submetido em: 24/02/2025

Revisado em: 20/03/2026

Aceito em: 11/04/2026